INT-0172

~~E/CEPAL (20510)~~
CEPAL/0172

RESTRINGIDO
Junio de 1977

Original: Portugués

REUNION REGIONAL PREPARATORIA DE CONSULTA SOBRE LA INDUSTRIA DE ACEITES Y GRASAS VEGETALES

Convocada por la Organización de las Naciones Unidas para el Desarrollo Industrial (ONUDI) en colaboración con la Comisión Económica para América Latina (CEPAL)

Santiago, Chile, 13 al 17 junio de 1977

A ATUAL CONJUNTURA DA SOJA E SUAS PERSPECTIVAS FUTURAS NO BRASIL

por

Hans Keunecke*

* Las opiniones expresadas en este trabajo son de la exclusiva responsabilidad del autor y pueden no coincidir con las de CEPAL y la ONUDI.

77-6-1380

A ATUAL CONJUNTURA DA SOJA E SUAS PERSPECTIVAS FUTURAS NO BRASIL

A expansão do setor agro-industrial das oleaginosas no Brasil, está totalmente vinculada à evolução da produção de Soja. Comparando as produções das principais sementes comestíveis nos ultimos anos agrícolas, verifica-se claramente a importante expansão da Soja:

(Produção em mil toneladas)

Ano	Soja	Algodão (caroço)	Amendoim
71/72	3 223	2 511	956
72/73	5 012	2 273	590
73/74	7 876	1 956	439
74/75	9 892	1 751	441
75/76	11 227	1 242	514
76/77	12 200(Est.)	1 630	250

Estimativas, colocam o nosso País com uma produção de Soja da ordem de 13.5 milhões de toneladas, já no próximo ano de 1978. As possibilidades desta leguminosa como alimento, explicam as necessidades de uma crescente oferta. No mundo existe uma constante preocupação para satisfazer os requerimentos de proteínas. Em 1965 a FAO publicou uma previsão das necessidades de proteínas para 1985, na qual estimava um incremento de 20 milhões de toneladas no déficit quando comparada a demanda contra a oferta, no período. Mas como a FAO aceitava no estudo, a existencia de um déficit no ano-base (1965), significa que o saldo a cobrir, na realidade é superior a 20 milhões de toneladas.

Por essa razão parece lógico, prognosticar para a soja, um panorama de demanda firme e crescente.

O Brasil tem possibilidades plenas de avançar com firmeza para alcançar em 1978 a produção estimada em 13.5 milhões de toneladas, contando para isso com o pleno apoio das autoridades federais.

/No capítulo

No capítulo da Comercialização, embora o consumo doméstico seja apreciável, a grande meta continua sendo a exportação dos excedentes de grãos, farelo e óleo.

Cabe entretanto assinalar, que pela sua posição geográfica, a produção brasileira de soja se dá na entressafra do grande produtor mundial, os Estados Unidos da América do Norte. Esta circunstancia tem aspectos positivos para o produtor agrícola. Para o industria, todavia, que deve também atender ao abastecimento do mercado interno, cría-se um problema expressivo de custos. Deve adquirir a sua materia prima (feijão) exatamente na época dos "picos" das cotações internacionais. E, a partir de setembro, com o ingresso da safra americana, tanto a materia prima como os seus derivados - óleo e farelo - sofrem um ajuste para menos nos seus preços. Portanto, o industrial brasileiro tem que vender no mercado internacional, seis meses da sua produção, baseado nos preços daquela soja comprada entre abril e agosto.

Considerando que os países importadores geralmente desenvolvem políticas protecionistas, concluímos que as autoridades federais brasileiras necessitam manter os incentivos aos produtos industrializados, como está acontecendo atualmente.

A agroindustria brasileira de oleaginosas, por sua vez deve equipar-se em módulos internacionais, de reduzidos custos de operação, para ter competitividade com os produtores mundiais dos Estados Unidos e da Europa, principalmente.

Mas, apezar de já estarem operando algumas plantas brasileiras comparaveis às maiores e melhores da Europa, permanece ainda uma característica diferencial e fundamental contra o Brasil.

Assim é que o industrial brasileiro é obrigado a investir muito mais em obras de infra-estrutura de armazenagem, para poder atender à estocagem de toda a soja necessária para a marcha de um ano da fábrica. Enquanto isso, o processador europeu apenas precisa de silos necessários para descarregar os navios que subministram a materia prima regularmente durante todo o ano.

/E a diferença

E a diferença continua no lugar da produção agrícola, onde o industrial brasileiro tem de contar com toda uma estrutura de compra, recepção, acondicionamento e armazenagem, para permitir ao agricultor a entrega de seu produto.

Portanto, as exigencias para a indústria brasileira são muito superiores, em relação às da Europa. Tanto as inversões em ativo fixo, quanto o capital de giro necessário, tem uma expressão extraordinária, e considerando que o dinheiro é caro e escasso, torna-se fácil concluir que a agroindústria de oleaginosas no Brasil, proporciona resultados apenas modestos.

Como já foi dito, a produção agrícola de soja deve atingir este ano 12 200 mil toneladas, enquanto que, considerando ampliações e novas instalações, o potencial industrial é calculado em torno de 14 000 mil toneladas.

Assim, e considerando que várias das maiores emprêsas internacionais já operam no Brasil, este setor já se encontra saturado em capacidade e Know-how.

As fábricas se localizam estrategicamente nos estados produtores do sul e do nordeste, estratificadas em produção de óleo bruto, refinaria, hidrogenação e produção de proteínas (farelos, farinhas, concentrados, isolados e texturizadas).

Considerando que da sua produção agrícola, o Brasil se propõe, por compromissos, a exportar 30/40% da produção de soja em grão, a capacidade ociosa, ante o desordenado crescimento industrial, já se situa este ano em cerca de 30% ou mais. A industria brasileira de oleaginosas, como tal, enfrenta agora problemas, porque se expandiu demasiado.

Quanto a participação no comercio exterior, esta tem sido significativa, ou seja, em torno de 35% do óleo produzido e 75% do farelo de soja. Todavía, com dificuldades de concorrer em preços.

Importantes problemas de infra-estrutura aguardam soluções.

Ha realmente dificuldades no âmbito de transportes rodoviários, devido as grandes distancias e a falta de estradas; ferroviários, por ser muito pequena a sua malha; maritimos, por carência de barcos granaleiros e de navios-tanques de grande capacidade.

/Some-se a

Some-se a isso a inadequação dos portos e decorrente custo elevado, não competitivo.

Além do mais, o custo dos derivados aromáticos do petróleo (HEXANO) e dos combustíveis, afetam sensivelmente o custo de nossa produção industrial.

Importa ao Brasil, desenvolver as suas fontes de energia - neste caso principalmente o petróleo - e investir, mesmo que com apoio exterior, na sua infra-estrutura de forma geral. É relevante também o problema da produtividade agrícola, onde a seleção de sementes, o desenvolvimento de variedades resistentes a pragas, a aplicação correta e suficiente de adubos e o aculturamento técnico do agricultor, tem profunda influência e necessidade de amparo, mediante programas a curto, medio e longo prazos.

Da mesma forma que não temos ainda uma adequada educação alimentar, também na agricultura não temos tradição suficiente, manifestando-se como em todos os setores, os problema de UM PAIS NOVO.

O Brasil está em uma verdadeira corrida contra o tempo, na qual o papel do Govêrno, como elemento catalisador para acelerar as soluções, será vital. A engenhosidade com que as autoridades responsáveis pela infra-estrutura tem gerenciado os recursos disponíveis, é realmente notável. Todavía, sería imprudente não advertir sobre o risco de continuar dependendo dessa capacidade de procurar soluções de emergência à luz de que os volumes a serem potencialmente produzidos e movimentados, podem criar situações de estrangulamento insuperáveis.

Para explorar as potencialidades de crescimento a médio e longo prazos da Indústria de Oleos Vegetais no Brasil e incrementar sua participação na produção mundial, sería desejável um maior aporte de capitais externos, para, por via da melhoria da infra-estrutura em geral, seja lograda uma melhor eficiencia produtiva, tanto sob o aspecto quantitativo como qualitativo.

/Hans Keunecke

O autor Sr. Hans Keunecke é formado em Química Industrial pelo Mackenzie College de São Paulo, Brasil, e sua carreira profissional relaciona-se desde o seu inicio à Agroindustria das oleaginosas. Exerce a função de Gerente de Marketing da SANBRA - Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S/A, emprêsa que lidera esta atividade no Brasil, e que conta com agencias de compras, usinas beneficiadoras de algodão e café, fábricas de extração de óleos vegetais, refinarias de óleos comestíveis, fábricas de margarinas, fábricas de sabões e fábricas de especialidades industriais tais como, porteínas, lecitinas, glicerina, ácido esteárico e gorduras hidrogenadas.

A SANBRA é atualmente, a maior produtora nacional de óleos domésticos, de gorduras e de margarinas. É também, a primeira exportadora mundial de mamona.

O Sr. Hans Keunecke, compareceu à "Reunión Regional Preparatoria de Consulta sobre la Industria de Grasas y Aceites Vegetales", por indicação e delegação da Cúpula Diretiva da firma: "SANBRA - Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A.", de São Paulo - S.P., Brasil, nas pessoas de:

1. Dr. Carlos S. Antich - Diretor Presidente
2. Engª Carlos C. Gandolfo - Diretor Gerente Geral de Oleos
3. Sr. Arturo J. Furlong - Gerente de Comercialização.

Hans Keunecke elaborou treis trabalhos como subsidios à reunião:

A. A atual conjuntura da soja e suas perspectivas futuras no Brasil.
B. Projeção da expansão da produção e da demanda dos principais óleos e gorduras no Brasil no período 1976/1982.
C. Contribuição das proteinas vegetais na solução do problema da alimentação.